

Colapso das cadeias de suprimentos (Supply Chain)

Reinaldo A. Moura (*)

Nunca em tempos de paz e mesmo durante a Segunda Guerra Mundial houve tanta escassez de insumos de todas as espécies no comércio mundial

É evidente que uma crise pandêmica como a que vivemos desestabilizou o fluxo de mercadorias no comércio global e os abastecimentos dos últimos meses são insuficientes para repor a demanda reprimida, pois até contêineres (20 e 40 pés) estão em falta. Muitos países que exportam manufaturados nestas embalagens e rotas não recebem matérias-primas (granéis) em contêineres “open top”.

Observe o que aconteceu com o frete: quadruplicou desde o início da crise sanitária, por exemplo, para o envio de um contêiner de Shanghai a Santos.

Li e assisti em lives que uma das soluções é o setor automotivo afastar-se do modelo “just-in-time”, e que o mesmo tem sido o vilão desta causa. Inclusive da falta de semicondutores.

Quem teve condições de estocar este escasso componente empregado em vários ramos de atividades nos últimos anos? Ouvem-se tantas bobagens que, mesmo 70 anos após a introdução do Sistema Toyota de Produção em suas fábricas e, em seguida, nos seus fornecedores no Japão, um país que se recuperava da Segunda Guerra Mundial jamais fizera estoques especulativos.

No máximo, organizava estoques de segurança de materiais importados, cujas fontes do outro lado do mundo traziam incertezas de abastecimento em certas épocas. E o princípio do “just-in-time”, hoje rebatizado de “Lean”, é a busca incessante da eliminação das perdas (tudo que não agrega valor ao cliente). Assim, manter um estoque, tal qual na gôndola de um supermercado, de itens estratégicos ou que estejam sujeitos a sofrer interrupção de fornecimento, sempre foi considerado um nível ideal de estoque em movimento.

Mas o que dizer das catástrofes imprevisíveis? A começar, ainda na década de 1970, com o embargo do petróleo; nos anos 2000, com o efeito do Katrina, os tsunamis no Japão, o ataque às torres gêmeas em Nova Iorque e, agora, com a Covid-19. Isso sem falar do susto do bloqueio acidental de um cargueiro na travessia do canal do

Suez. Eliminar a filosofia JIT ou transformar os mínimos estoques em robustos por alguma fórmula mágica será a solução? Quem tiver este software de previsibilidade será o Maomé deste milênio!

Qual o custo de manter todos esses níveis de estoque na cadeia e o tempo para balancear os estoques? Confundida também com estoque zero, a filologia JIT era “odiada” por muitos compradores pois, a qualquer crise, eram criticados veementemente. Mesmo em tempos de greves setoriais mais frequentes, muitos compradores utilizavam-se de um calendário para antecipar compras de insumos buscando garantir o abastecimento de fábricas e do comércio.

A manufatura sempre conviveu com a oscilação no nível de estoque disponível e esta é uma das razões das linhas de montagem operarem com modelos mistos no mix da montagem de seus modelos, pois, caso falte algum componente, em seu lugar entra outro veículo e assim se mantêm os recursos agregando valor (“ocupados”). Mas, neste momento, todos os veículos utilizam chips ou semicondutores, componentes vitais na montagem do veículo.

É impossível montá-lo e colocá-lo no pátio ou expedir para a concessionária e, assim que o chip chegar, simplesmente instalá-lo. Esta inovação trouxe consequências bem diferentes dos automóveis da antiga geração. Além dos atuais e escassos fabricantes de semicondutores destinados a automóveis, inúmeros outros produtos requerem chips e não é de um mês para o outro que se constroem novas fábricas de semicondutores.

Aliás, tivemos uma fábrica nos anos 1980/90 que, por força da lei de reserva de mercado, sucumbiu! Assim, conheçam mais e invistam no pensamento enxuto, just-in-time, Kanban, TPS - Sistema Toyota de Produção, metodologias e estratégias diferentes para gestão de estoques e, em todo momento, responda: qual a probabilidade de sua empresa ficar sem estoque de um item por qualquer risco natural ou acidental?

Enfim, vivemos em cima do “fio de uma navalha”!

(*) - É engenheiro industrial, ex-professor universitário, escritor, fundador do Grupo IMAM (Instituto de Movimentação e Armazenagem de Materiais) e autor do livro “Uma Autobiografia dos meus Primeiros 70 anos”.

Equipes entrosadas, resultados positivos

O sucesso de uma empresa ou instituição está diretamente ligado à forma pela qual seus colaboradores se relacionam uns com os outros

A obtenção de resultados positivos, a superação de metas e a criação de um ambiente criativo e eficiente estariam, dessa forma, relacionados ao tipo de dinâmica interpessoal que existe no interior das equipes de trabalho.

O alerta é da key note speaker e especialista em gestão de times Mary Barry, diretora da Summit Team Building, empresa canadense especializada em estimular o potencial de equipes de trabalho. Ela falou a convidados de câmaras de comércio da América Latina durante o workshop Talent Doesn't Work Alone: 'A workshop on developing high-performance teams one relationship at a time', promovido pela University Canada West (UCW) em novembro.

Não há uma “maneira mágica” para se criar uma equipe eficaz. Mas, segundo Barry, a construção de relacionamentos no ambiente de trabalho é um aspecto que irá determinar não apenas sua capacidade de trabalho conjunto, mas também os resultados para a empresa ou instituição na qual os profissionais atuam. A constatação se baseia nos conceitos da Teoria da Consciência dos Relacionamentos, voltada



Saber o que motiva suas equipes ou o que traz para fora o melhor de cada um, é um bom começo.

aos fatores que motivam o comportamento.

Haveria três motivadores-chave em equipes de trabalho que são responsáveis pelos atos de seus integrantes: desempenho, pessoas e processos. Os profissionais com perfil voltado ao primeiro motivador (desempenho) dariam mais importância à obtenção de resultados; ao segundo (pessoas) seriam mais direcionados ao bem-estar dos demais integrantes da equipe; e ao último (processos) buscariam analisar cada situação minuciosamente.

Outro ponto levantado foi a diferença entre pontos de vista e conflitos dentro de uma equipe. Segundo Barry, as pessoas reagem de formas diferentes a estas situações

– e seus motivadores podem mudar, à medida em que a situação evolui, podendo levar a uma situação de esclarecimento dos pontos de vista ou a uma divergência de ordem pessoal.

“Saber o que motiva suas equipes ou o que traz para fora o melhor de cada um, é um bom começo. Saber que há mudanças nesses motivadores em situações de conflito é crítico em termos de consciência de relacionamentos – afinal, nem todos reagem igual! Da mesma forma, entender como as divergências ocorrem e as características de quem está ao seu redor evitará conflitos improdutivos e prejudiciais. Todos queremos um local de trabalho no qual os relacionamentos

possam florescer, porque o talento não trabalha sozinho”, disse.

O workshop com Barry foi uma iniciativa da UCW voltada a fortalecer a ligação da universidade com as câmaras de comércio dos países da América Latina e, por meio delas, contribuir para as empresas que buscam ter equipes mais eficazes.

Ao apresentar o evento, a diretora regional da UCW para a América Latina e Caribe, Michelle Hicks, destacou que sua realização é uma das formas pelas quais a universidade, que está presente em diversos países por meio de uma rede de agências e recebe estudantes do mundo inteiro, pode oferecer conteúdo relevante de volta a essas regiões.

“O workshop ressalta a importância das soft skills no ambiente de trabalho – tanto para a formação da liderança quanto para a construção de relacionamentos que levam a resultados positivos”. Segundo o diretor regional sênior da instituição, Lawrence Ragos, a proposta é fortalecer o elo entre a UCW e as empresas, e em especial as câmaras de comércio de diversos países latino-americanos, a quem o evento foi destinado. - Fonte e outras informações: (<https://www.ucanwest.ca/>).

IBGE: desemprego cai 1,6 ponto percentual e atinge em 12,6%

A taxa de desemprego atingiu 12,6% no terceiro trimestre, o que significa queda de 1,6 ponto percentual na comparação com o segundo trimestre de 2021. O número de pessoas em busca de emprego no país recuou 9,3% e, com isso, chegou a 13,5 milhões. Os ocupados tiveram um crescimento de 4%, alcançando 93 milhões de pessoas. Os dados da pesquisa foram divulgados ontem (30) pelo IBGE. Para a coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE, Adriana Beringuy, o crescimento da ocupação no período foi relevante. “No terceiro trimestre, houve um processo significativo de crescimento da ocupação, permitindo, inclusive, a redução da população desocupada, que busca trabalho, como também da própria população que estava fora da força de trabalho”, observou.

A população fora da força de trabalho é o contingente daqueles que não estão ocupados e nem buscando emprego. Com o crescimento no número de ocupados, o nível da ocupação, que é o percentual de pessoas em idade de trabalhar que estão no mercado de trabalho, subiu para 54,1%, enquanto no trimestre anterior tinha sido de 52,1%. Dentro desse crescimento, a informalidade representa 54%.

Os empregados do setor privado sem carteira assinada (10,2%), que somaram 11,7 milhões de pessoas, estão entre as categorias de emprego que mais cresceram na comparação com o trimestre anterior. No mesmo período, o número de trabalhadores domésticos atingiu 5,4 milhões – o que equivale a uma expansão de 9,2%, o maior desde o início da série histórica da pesquisa, em 2012 (ABR).

A nova era da mineração já é realidade

As mudanças estão acontecendo disparadamente e práticas de inovação não param de surgir. Na mineração não é diferente. Startups dessa área estão criando aplicativos, passaportes digitais, programas de segurança e rastreabilidade para modernizar e inovar as negociações entre mineradoras e compradores de todas as partes do mundo.

As tendências mais atuais nas áreas da tecnologia, finanças e ESG (Ambiental, Social e Governança) voltadas para o mercado de mineração foram discutidas no evento online Connect mine. Para gerar as inovações que o mercado precisa, o futuro da área e as práticas internacionalmente reconhecidas como as melhores foram abordados no webnário.

“Grandes nomes da mineração se reuniram para debater o investimento em mineração, melhores práticas e tendências do mercado, inovação e otimização na solução de problemas com tecnologia. Além disso, apresentamos a construção inédita de um banco de inteligências acessível e que se encontra de forma periódica para acelerar mudanças”, conta Eduardo Gama, CEO da



A inovação no mercado da mineração é a rastreabilidade de matéria-prima.

Minery, startup voltada para a modernização do mercado de mineração.

A mais nova inovação no mercado da mineração é a rastreabilidade, em que passaportes digitais criados pela Minespider, são usadas para a rastreabilidade de matéria-prima. Assim, juntamente com as certificações do Certimine, criado pela Minery, agregam informações através da cadeia, desde informações, logísticas, análises e quaisquer outras informações que possam garantir a rastreabilidade do produto até o cliente final.

“A blockchain é usada para registrar transações e rastrear ativos. Assim, o processo é mais seguro, pois temos dados das mineradoras que permitem ver se a empresa tem boa

procedência. Temos uma parceria com a Minery, em que colocamos toda a certificação e as transações através do blockchain para trazer segurança a todos”, relata Felipe Stark, CTO na Minespider.

“Temos uma vasta experiência em mineração e queríamos mostrar para as mineradoras brasileiras que é possível atuar com inovação, eficiência, tecnologia e respeito ao meio ambiente. Connect mine atingiu nosso objetivo e foi incrível. Ano que vem faremos esse evento novamente de forma híbrida, para podermos debater com mais especialistas”, concluiu Raphael Jacob, CMO da Minery. - Fonte e outras informações: (www.minery.com.br).

Mentir sobre a pessoa na Internet é crime

Cuidado ao expor reclamações contra uma pessoa ou empresa na internet. Se você não tiver as devidas provas ou fizer falsas acusações, pode virar a ação contra si próprio, alerta a advogada Dra. Lorrana Gomes. Ao contrário do que muita gente pensa, a internet não é uma terra sem lei. Portanto, quem faz postagens mencionando o nome de uma pessoa ou de uma empresa deve ficar atento, pois, dependendo da gravidade do que for publicado,

pode ser alvo de um processo.

Claro que também não é o caso de afirmar categoricamente que existe uma censura nos meios digitais que vão regular o que é dito, mas um pouco de atenção e cautela é fundamental, conforme explica a advogada Dra. Lorrana. “Quem faz falsas acusações publicando mensagens deste tipo pode responder pelos crimes de injúria, calúnia e difamação”. E eles podem ser aplicados também quando há uma

fake news, detalha: “Se você recebeu uma informação, sabe que ela é falsa, mas repassa a outras pessoas sem ter o devido cuidado de informação com relação a isso, mas faz questão de espalhar a outras pessoas, acaba por cometer esses delitos”.

Com relação a fazer comentários e avaliações no sentido de difamar empresas, Dra. Lorrana lembra que quem se sentiu ofendido pode entrar com ação criminal ou pedir reparação

na esfera civil. “Supomos que você fale mal de uma marca e ela perca clientes por conta disso. Além de responder criminalmente, poderá ser também ajuizado um processo contra você pedindo indenização por perdas e danos morais e materiais”.

Mas o que fazer caso precise falar de uma empresa na internet? Nestas situações, a advogada recomenda que sua reclamação seja bem fundamentada: “Você tem todo o direito de

expor sua insatisfação com relação a um serviço que não lhe foi prestado da maneira correta, mas você precisa saber usar o devido respeito e a cautela para escrever o que te aborrece e, principalmente, tenha provas de tudo aquilo que você está dizendo. Assim você considera ter o respeito necessário e conseguirá resolver seus problemas evitando quaisquer outros transtornos”, completa (<https://www.instagram.com/lorranagomes.adv/>).